

“Gosto de ser livre, fazer as coisas no tempo que quero” Depoimentos de mulheres que optaram pela não maternidade

Jhenyfer Caroliny de Almeida¹, Lucca Gherardi Moreno², Sandra Regina Marcolino Gherardi³, Alan de Almeida Marafon⁴

Resumo. Este trabalho teve como objetivo abrir um espaço de escuta para as mulheres que optaram pela não maternidade e refletir sobre os motivos de sua decisão. A pesquisa, de caráter qualitativo, foi realizada entre os meses de fevereiro e abril de 2023. Foram aplicados questionários online (socioeconômicos e perguntas com respostas objetivas e discursivas), divulgado em redes sociais (instagram e facebook) com grupos que se baseavam nesse perfil (temas “child free” ou “não maternidade”). O grupo amostral consistiu em 247 participantes, com idades entre 18 e 50 anos. Os dados socioeconômicos indicaram que a maior parte das participantes apresentavam elevado índice de escolarização e renda, corroborando com a literatura que indica que mulheres com maior vulnerabilidade social e baixa escolaridade tendem a ter menos opção em ser ou não mãe. Este grupo alega que a decisão pela não maternidade se baseia na existência de outras prioridades, tais como a liberdade, o trabalho e o desejo em manter o seu estilo de vida. Diante dos resultados é possível refletir que a identidade da mulher brasileira do século 21 está cada vez mais distante daquela visão tradicionalista e tem ganhado espaço e destaque nos contextos sociais, profissionais e públicos. Assim, este estudo indicou que a maternidade é apenas mais um dos possíveis caminhos da mulher e não somente um destino único e inevitável.

Palavras-chave: Filhos. Maternidade. Identidade. Liberdade Feminina.

DOI:10.21472/bjbs.v11n25-001

Submitted on:
05/30/2024

Accepted on:
06/03/2024

Published on:
07/10/2024



Open Access
Full Text Article



I like being free, doing things when i want” Testimonials from women who choose non-maternity

Abstract. This work aimed to open a space for listening to women who chose not to motherhood and reflect on the reasons for their decision. The research, of a qualitative nature, was carried out between the months of February and April 2023. Online questionnaires were applied (socio-economic and questions with objective and discursive answers), published on social networks (Instagram and Facebook) with groups based on this profile (“child free” or “non-motherhood” themes). The sample group consisted of 247 participants, aged between 18 and 50 years. Socioeconomic data indicated that most participants had a high level of education and income, corroborating the literature that indicates that women with greater social vulnerability and low education tend to have less choice about whether or not to be a mother. This group claims that the decision not to motherhood is based on the existence of other priorities, such as freedom, work and the desire to maintain one's lifestyle. Given the results, it

¹ Faculdades Integradas Norte do Paraná (UNOPAR), Farroupilha, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: jhenyfer.caroliny@outlook.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5488-5623>

² Centro Universitário de Goiátuba (UICERRADO), Goiátuba, Goiás, Brasil. E-mail: lucagherardi66@gmail.com

³ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: sandragherardi@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6706-2669>

⁴ Instituto Federal Goiano - campus Urutaí, Urutaí, Goiás, Brasil. E-mail: alango01@hotmail.com

is possible to reflect that the identity of Brazilian women in the 21st century is increasingly distant from that traditionalist vision and has gained space and prominence in social, professional and public contexts. Thus, this study indicated that motherhood is just one of the possible paths for women and not just a single and inevitable destiny.

Keywords: Children. Maternity. Identity. Female freedom.

“Me gusta ser libre, hacer las cosas a la hora que quiero” Testimonios de mujeres que eligen no maternidad

Resumen. Este trabajo tuvo como objetivo abrir un espacio de escucha de mujeres que optaron por no ser madres y reflexionar sobre los motivos de su decisión. La investigación, de carácter cualitativo, se realizó entre los meses de febrero y abril de 2023. Se aplicaron cuestionarios online (socioeconómicos y preguntas con respuestas objetivas y discursivas), publicados en redes sociales (Instagram y Facebook) con grupos basados en este perfil (temas “sin niños” o “no maternales”). El grupo de muestra estuvo formado por 247 participantes, con edades comprendidas entre 18 y 50 años. Los datos socioeconómicos indicaron que la mayoría de los participantes tenían un alto nivel de educación e ingresos, lo que corrobora la literatura que indica que las mujeres con mayor vulnerabilidad social y baja educación tienden a tener menos opciones sobre si ser madre o no. Este grupo afirma que la decisión de no ser madre se basa en la existencia de otras prioridades, como la libertad, el trabajo y el deseo de mantener el propio estilo de vida. Dados los resultados, es posible reflexionar que la identidad de la mujer brasileña en el siglo XXI se aleja cada vez más de esa visión tradicionalista y ha ganado espacio y protagonismo en contextos sociales, profesionales y públicos. Así, este estudio indicó que la maternidad es sólo uno de los caminos posibles para las mujeres y no sólo un destino único e inevitable.

Palabras clave: Niños. Maternidad. Identidad. Libertad femenina.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, o papel da mulher era unicamente casar e criar seus filhos, exercendo a função de protetora e cuidadora do lar, sendo-lhes vetada outras possibilidades, além da divisão de tarefas domésticas com os cônjuges (Rocha-Coutinho, 2009, p. 49), tais como oportunidades de carreira profissional e estudos. Atualmente, a configuração tradicional de família deixou de ser a única forma de arranjos familiares (Caetano, Martins e Motta, 2016), com isso, o papel social e funções destinadas às mulheres, possibilitaram novas opções de escolhas para elas, que incluem a escolha em viver ou não a maternidade. De acordo com Patias e Buanes (2009, p. 2), a contemporaneidade contribuiu para que a mulher tivesse a possibilidade de subverter aquilo que era considerado um destino inevitável.

A rejeição pela maternidade é uma característica dos tempos modernos resultante das transformações do desenvolvimento industrial e da urbanização, mais frequente entre a classe média e consequência da entrada das mulheres no mercado de trabalho. Isso indica que o controle das funções reprodutivas está ligado às mudanças nas posições ocupadas pelas mulheres, à sua

preferência/sentimento de realização profissional em comparação aos afazeres domésticos (Patias e Buanes, 2009), os movimentos sociais e o advento da pílula anticoncepcional (Barboza e Roha-Coutinho, 2012).

A mulher moderna tem diversas possibilidades de escolhas e objetivos pessoais, que podem não incluir a concepção de um filho. Entretanto, a sociedade ainda a pressiona a cumprir papéis que são “historicamente e biologicamente” atrelados a elas: o papel de mãe (Santos, 2013). Ignorando assim os seus desejos e tendo que justificar constantemente as suas opções (Soares e Santos, 2020). Aquelas mulheres que, tanto na história quanto na atualidade, contrariaram as normas de que o lugar social e natural da mulher era o atrelado às vivências da maternidade, foram e continuam cercadas de olhares e julgamentos, muitas vezes sendo taxadas de incompletas, infelizes ou masculinas.

As reflexões sobre a não maternidade têm sido alvo de tema de diversos estudos atuais, tais como: A baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil (Miranda-Ribeiro, Garcia e Faria, 2019); Mulheres trabalhadoras com e sem filhos: Estudo qualitativo sobre papéis e uso do tempo (Barbano e Cruz, 2020); “Não sou mãe”: autoestima, qualidade de vida e sentido da não-maternidade em mulheres sem filhos (carvalho, 2021); Maternidade Contemporânea: motivações de mulheres sem filhos (Moraes, Féres-carneiro, 2022); A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea (Serpa, Oliveira e Medeiros, 2023); entre outros.

Dessa forma, a maternidade deixou de ser vista como uma realidade única e compulsória e passou a ser uma escolha das mulheres. Nesse sentido é possível observar essas mudanças ao analisarmos os números expostos pela pesquisa mais recente realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística), que em 2010, revelou que o número de mulheres que não planejavam engravidar subiu de 10% para 14% (IBGE, 2010). Em 2019 a farmacêutica Bayer, com apoio da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo) e do Think about Needs in Contraception (TANCO), divulgaram que 37% das brasileiras não desejavam ter filhos, indicando um drástico avanço, igual a 23%, em comparação com os estudos semelhantes nos nove anos anteriores. Essa pesquisa ainda apontou dados mundiais, que revelaram que 72% das mulheres não desejavam ter filhos pelos próximos três ou cinco anos (UOL, 2019; Hidasi e Gonzaga, 2022).

Segundo o IBGE a taxa de fecundidade no país também vem diminuindo, em 2006 era igual a 2,04 filhos por mulher e em 2021 caiu para 1,76 (IBGE, 2023). Em 1999 o número de casais sem filhos era igual a 13,3 e em 2009 subiu para 17,1, em contrapartida o número de casais com filhos diminuiu, de 55 para 47,3% (IBGE, 2010). A taxa de fecundidade mundial também vem decrescendo, sendo que em 1963 era igual a 5,3 e em 2021 caiu para 2,3 nascimentos por mulher (Banco mundial, 2022).

De acordo com esses dados e sobre as diversas reflexões presentes na literatura sobre a não maternidade, pode-se considerar que a quantidade de mulheres sem filhos tem aumentado, o que mostra

promissor tema para estudos. Com base nestas informações é possível levantar algumas questões: Qual a identidade da mulher do século 21? A maternidade é um destino natural de toda mulher? Quais os motivos que levam uma mulher a rejeitar a maternidade? Diante disso, o objetivo deste estudo foi reunir informações sobre um grupo de mulheres que optaram pela não maternidade, a fim de abrir um espaço de escuta para esse grupo, além de compreender o motivo de sua escolha e como isto é vivenciado no contexto atual.

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de questionários aplicados de forma on-line nos períodos de fevereiro a março de 2023. A divulgação ocorreu por meio de convites formais enviados pelas redes sociais (instagram e facebook) para grupos estratégicos, ou seja, com temas sobre a não maternidade. Para aquelas que manifestaram interesse pela participação, foram disponibilizadas todas as informações sobre o estudo e o link do formulário on-line. A vantagem dos questionários online é que possibilitaram que as participantes o realizassem conforme a sua disponibilidade.

O formulário on-line foi composto por questionário socioeconômico com alternativas objetivas e perguntas discursivas. No questionário socioeconômico, foram coletados dados como: idade, estado civil, escolaridade, renda e profissão. A entrevista semiestruturada foi composta por sete perguntas: Já teve vontade de ser mãe em algum momento na vida?; Explique os motivos que a levaram a escolha anterior.; Qual/quais motivo(s) a levou a optar pela não maternidade? Já se sentiu pressionada em viver a maternidade? De quem vinha essa pressão?; Você compartilha a sua decisão com outras pessoas?; O que você costuma ouvir das pessoas quando compartilha a sua escolha pela não maternidade?.

A análise dos dados foi realizada da seguinte forma: para as respostas discursivas foi efetuada a reprodução dos textos na íntegra e todo o material foi ordenado e analisado. Os dados do questionário socioeconômico possibilitaram a elaboração da tabela 1 e as questões objetivas resultaram em gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil das Participantes

Neste estudo participaram 247 mulheres com idades entre 18 e 50 anos que manifestaram, pelas redes sociais ou pessoalmente, não ter desejo em ter filhos. Os dados socioeconômicos estão descritos na tabela 1. Como pode ser observado, contrariando as exigências sociais de que um filho naturalmente

deve vir após o matrimônio, 38,5% das entrevistadas são casadas e a maior parte das demais parcelas encontram-se em algum tipo de relacionamento.

Tabela 1. Dados socioeconômicos das entrevistadas

Dados	Porcentagem (%)
Estado civil	Casada
	38,5
	Solteira
	21,1
	União estável
Escolarização	19,4
	Namorando
	18,6
	Divorciado
	2,4
Escolarização	Especialização
	38,1
	Ensino Superior
	36,4
	Ensino médio
	11,7
	Mestrado
Renda*	7,3
	Cursando superior
	1,2
	Técnico
	0,4
Renda*	Ensino fundamental
	0,4
	Entre um e três salários-mínimos
	34,8
	Acima de cinco salários-mínimos
Renda*	24,3
	De três a cinco salários-mínimos
	21,1
	Até um salário-mínimo
	12,6
Renda*	Sem renda
	7,3

*Com base no salário-mínimo de 2023 (R\$1.320,00)

Fonte: Dos autores, 2023

Os dados obtidos por meio deste questionário socioeconômico trouxeram informações relevantes, uma vez que possibilitou observar que há características em comum entre as entrevistadas. Para Hidasi e Gonzaga (2022, p. 5), esses pontos devem ser observados, visto que a escolha em viver ou não a maternidade ainda pode ser vista com um privilégio de classe. Ou seja, as mulheres com maior poder aquisitivo e/ou com maior grau de instrução tem mais chances de poder optar em ser ou não mãe em comparação com mulheres pobres e pouco instruídas.

Nota-se que a maior parcela desse grupo possui elevado índice de escolarização, sendo que 38,1% possuem especialização e 36,4 possuem ensino superior, enquanto apenas 0,4% possuem ensino fundamental. Desta forma é possível inferir que mulheres mais instruídas tem mais possibilidade de optar pela não maternidade ou por adiá-la. Isso vai ao encontro da pesquisa realizada pelo IBGE, que diz que “Quanto mais alto o nível de instrução da mulher, mais tardio se torna o padrão etário da fecundidade” (IBGE, 2010).

Sabe-se que os resultados aqui obtidos não representam a realidade de todas as mulheres brasileiras, pois é notório que mulheres mais vulneráveis socialmente possuem um ou mais filhos, que muitas vezes vivenciam a maternidade de forma compulsória, aumentando ainda mais a desigualdade social por dificultá-las concluir os estudos e seguir alguma carreira profissional. Assim, geralmente essas

mulheres ficam dependentes financeiramente de apoios governamentais e/ou de terceiros (companheiros, familiares, entre outros), indicando a necessidade de maior intervenção de políticas públicas para as mulheres.

O grupo de mulheres estudado encontra-se em sua maioria no mercado de trabalho, exceto uma pequena parcela (7,3%). Esses dados representam as mulheres mais jovens e estudantes, com faixa etária de 18 a 25 anos, mostrando que ainda não possuem independência financeira, possivelmente, devido à dedicação aos estudos.

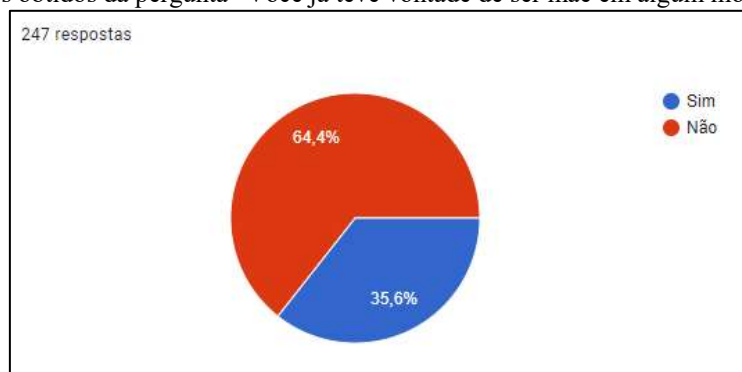
Os dados obtidos com a renda estão de acordo com a escolarização e profissão. Rendas mais elevadas são geralmente associadas às funções que exigem maior grau de instrução, tais como o ensino superior, especialização, mestrado e doutorado. Dentre as diversas profissões apontadas pelas entrevistadas estão: professora, pedagoga, nutricionista, dentista, psicóloga, advogada, engenheira, farmacêutica, policial penal, biomédica, médica, radiologista, contadora, bancária, assistente social, química, fisioterapeuta, pesquisadora, educadora infantil e outras. Ou seja, a escolha pela não maternidade não está associada ao tipo de profissão, visto que se trata das mais variadas profissões e que algumas ainda lidam com crianças diariamente.

O presente estudo está de acordo com os achados de Silva, Medeiros e Beirão, que ao analisarem como as condições sociodemográficas afetam a decisão da mulher de ter filhos e a quantidade de filhos que ela tem, concluíram que residir em área urbana e quanto maior o tempo de estudo e de renda, menor é a quantidade de filhos por mulher.

Motivos de Escolha pela não Maternidade

Os resultados sobre a questão “Você já teve vontade de ser mãe em algum momento da sua vida?” estão disponíveis na figura 1.

Figura 1. Resultados obtidos da pergunta “Você já teve vontade de ser mãe em algum momento da sua vida?”.



Fonte: Os autores, 2023.

Como pode ser observado a maior porcentagem atribuída (64,4%) foi para a resposta “Não”. Ao ser instruída a justificar sua escolha, obteve-se as seguintes respostas: “Nunca tive vontade”, “nunca tive interesse”, “nunca tive essa vontade”, “não vejo vantagem em ser mãe”, “não sinto vontade e nem me vejo sendo mãe”, “nunca senti vontade de ter essa responsabilidade e perder minha liberdade”, “liberdade”, “prezar por minha liberdade, ver amigas sendo mães e não querer aquela vida para mim”, “gostar de ter tempo para mim”, “crianças dão trabalho e eu gosto de dormir”, “liberdade, tenho medo de nunca mais conseguir ficar sozinha, ter tempo apenas para mim”, “gosto muito da minha tranquilidade de vida” muito tempo” e “muito gasto e não estou disposta a isso”. Assim, um dos principais motivos pela não maternidade apontadas pelas entrevistadas, diante desta questão, é atrelado ao apreço pela liberdade e de viver a vida de forma plena, não estando dispostas a vivenciar os sacrifícios e renúncias que são exigidos na maternidade.

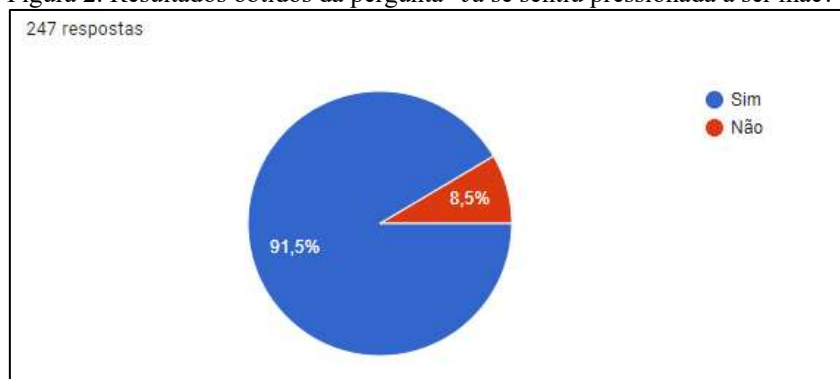
Já as respostas Sim (35,6%), são associadas aos seguintes comentários: “pressão externa”, “tradição familiar”, “idealizava o sonho propagado pela sociedade, mídia, etc.”, “pressão social e medo”, “parecia não haver outra escolha”, “achava que era o passo natural a ser dado após o casamento”, “quando era nova achava que era assim que devia ser, que era uma obrigação”. Esses comentários indicam que a pressão social e cultural foram os fatores principais para que essa parcela do grupo estudado tivesse em algum momento de sua vida tido vontade em gestar, ou seja, não houve uma vontade genuína.

Quanto as respostas para a questão “Explique os motivos de optar pela não maternidade” as justificativas mais apresentadas pelas entrevistadas foram associadas, novamente, com a palavra liberdade, sendo repetida várias vezes: “Liberdade”, “eu amo minha liberdade”, “gosto da minha liberdade”, “prioridade pela liberdade”, “gosto de ser livre, fazer as coisas no meu tempo”, “liberdade, ter tempo para estudar, cuidar de mim, etc”, “crianças tiram a liberdade das pessoas” e “priorizo o meu casamento”. Além disso, a liberdade apontada aqui pelas entrevistadas, também se refere a liberdade econômica, em poder gastar consigo mesma, se agradar, ter autocuidado, já que criar um filho exige

certo gasto, como apontado pela resposta “DINHEIRO, não tenho nem para mim”. As entrevistadas também evidenciaram em suas respostas sobre os motivos de não ter filhos um fator cultural e comum até os dias de hoje, o de que o filho é da mãe. Percebe-se que ainda a responsabilidade recai mais sobre a progenitora, causando frustrações, sobrecarga emocional e física, ansiedade, depressão e outros.

As respostas à questão “Já se sentiu pressionada a ser mãe?” estão disponíveis na figura 2. Observa-se que quase todas as entrevistadas já se sentiram e/ou se sentem pressionadas em serem mães (91,5%). Ao serem questionadas de onde vinha essa pressão, foi obtida as seguintes respostas: sociedade (39,8%), família (38%), amigos (14,4%), cônjuge/companheiro (5%), instituições religiosas (1,6) e mídia (1,2%).

Figura 2. Resultados obtidos da pergunta “Já se sentiu pressionada a ser mãe?”.



Fonte: Os autores, 2023.

Foi possível identificar os principais motivos que levaram as 247 entrevistas a optar pela não maternidade, sendo descritos a seguir.

Para a pergunta “Você compartilha a sua decisão com outras pessoas?”, 95,55% das entrevistadas apontaram que sim, indicando que, mesmo diante da pressão social e cultural, as mulheres modernas se sentem mais à vontade em expressar a sua escolha pela não maternidade.

A última questão “O que você costuma ouvir quando compartilha a sua escolha pela não maternidade?” trouxe respostas que, segundo as entrevistadas, envolvem críticas, estranhezas, inconformações e preconceitos, tais como: “Quem vai cuidar de você?”, “que sou egoísta”, “que um dia vou mudar de ideia”, “isso é muito egoísmo, você vai se arrepender”, “você ainda vai mudar de ideia”, “toda mulher quer ser mãe”, “que eu sou louca, que vou mudar de ideia”, “agora que casou precisa ter filhos”, “fazem cara feia, ficam assustados e perguntam quem vai cuidar de mim?”. Apesar disso, parte das entrevistadas afirmaram não se importar com a opinião alheia e outras disseram ter sua decisão respeitada, pautadas nos comentários “hoje não dou espaço para comentários”, “atualmente o que escuto é que tomei a decisão certa”, “a maioria respeita a decisão”, “alguns entendem e apoiam”, “alguns ficam indignados e outros respeitam” e “em geral sou respeitada”.

Observou-se no grupo de mulheres estudadas, que apontaram não desejar ter filhos, que os principais motivos pelas suas escolhas estavam pautados na: sua existência como prioridade; não vocação; tempo, investimentos/gastos reservados para si; foco nos estudos, carreira profissional e casamento. Verifica-se que essas mulheres priorizam as suas carreiras e não desejam abdicar de seu tempo, emprego e estilo de vida livre.

CONCLUSÃO

Foi possível concluir que a identidade da mulher brasileira do século 21 está cada vez mais ampla, abrindo um leque de opções de como viverem a sua vida nos contextos sociais, profissionais e públicos, mostrando que a maternidade é apenas mais um dos possíveis caminhos e não somente um destino único e inevitável de toda mulher.

Observou-se que os principais motivos que levaram o grupo avaliado a rejeitar a maternidade foram: apreço pela liberdade; foco na carreira profissional e estudos; ausência de vocação e não estar disposta a fazer sacrifícios por outra pessoa.

REFERÊNCIAS

- Banco Mundial. **Fertility rate**. 2022. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/indicator/SP.DYN.TFRT.IN>>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- BARBANO, L. M.; CRUZ, D. M. C. **Mulheres trabalhadoras com e sem filhos: estudo qualitativo sobre papéis e uso do tempo**. Revista FSA, Teresina, v. 17, n. 3, art. 13, p. 208-227, 2020.
- BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos**. Psicologia & Sociedade, v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012.
- BARBOUR, R. **Grupos focais: Coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: ARTMED, 2009.
- CARVALHO, H. C. L. **“Não sou mãe”: autoestima, qualidade de vida e sentido da não-maternidade em mulheres sem filhos**. 2021. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.
- HIDASI, S. Z.; GONZAGA, A. T. S. **A visão de mulheres que escolheram não ter filhos: um estudo Psicossocial**. Psicologia em ênfase, v. 3, p.10-12, 2022.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **Painel de indicadores**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/indicadores.html>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

- IBGE - Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv45700.pdf>>. Acesso em: 26 ago.2021.
- MIRANDA-RIBEIRO, A.; GARCIA, R. A.; FARIA, T. C. A. B. **Baixa fecundidade e adiamento do primeiro filho no Brasil**. Revista brasileira de Estudos de População, v. 36, 1-18, 2019.
- MORAES, J.; FÉRES-CARNEIRO, T. **Maternidade Contemporânea: motivações de mulheres sem filhos**. Contextos Clínicos, v. 15, n. 1, 25 p., 2022.
- PATIAS, N. D.; BUANES, C. S. **NÃO TEM FILHOS? POR QUÊ?** Disc. Scientia. Série: Ciências Humanas, S. Maria, v. 10, n. 1, p. 121-133, 2009.
- SANTOS, K. A. dos. **As vicissitudes da mulher contemporânea: ser mãe ou não ser?** Letra Magna, v. 9, p. 1-16., 2013.
- SERPA, A. M.; OLIVEIRA, F. C. de; MEDEIROS, D. **A não maternidade: caminhos possíveis para a mulher contemporânea**. Revista da Faculdade Paulo Picanço, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2023.
- SOARES, I. C.; SANTOS, K. A. **A não maternidade por opção: depoimentos de mulheres que não querem ter filhos**. Revista Ártemis, vol. XXX nº 1, pp. 384-400, 2020.
- ROCHA-COUTINHO, M. L. **Psicologia do conhecimento: O diálogo entre as ciências e a cidadania**. Brasília: UNESCO/Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília/Líber, 2009.
- UOL. **No Brasil, 37% das mulheres não querem ter filhos nos próximos anos**. 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/09/25/diafragma-esta-em-alta-conhecamos-pros-e-contras-do-metodo-contraceptivo.htm>>. Acesso em: 14 jul. 2023.